

O PÓS-MODERNISMO: (Des) continuidades estéticas

Débora Maria da Silva Martins,¹
Paulo Alberto da Silva Sales²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir o fenômeno do pós-modernismo e seus aspectos relevantes que vêm influenciando o comportamento da sociedade, desde o início do século XX. A arte representa um sujeito consumido pelo caos da descontinuidade estética. Nesse entretempo, o sujeito é submetido a aceitar as transformações negativistas. Os temas subjacentes do movimento implicam em uma recriação social e cultural, conduzidos pelas rupturas. A arte literária uniu-se a vida, os textos literários transformaram-se em metaficção historiográfica. A literatura que antes era regida e apreciada apenas pelos elitizados, agora é compartilhada com a massa popular, propiciado pelo meio mercadatório.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-Modernismo. Negativista. Intertextualidade.

Todas as mudanças literárias são manifestações esboçadas pelo próprio homem que interpolam e se estendem de forma analógica para diversos horizontes, os quais são atingidos de forma espontânea na cultura e sociedade. Dessa forma, pode-se entender que a literatura é inerente à vida cotidiana e os acontecimentos são atos pausados nas ações do próprio homem, pois o mesmo, a todo o momento, está em busca de novos ideais e conquistas que possibilitam a abertura para nova forma de pensar e posteriormente, agir conforme seus valores individuais e coletivos.

Para esse significativo processo, o homem abre questionamentos a respeito de toda a esfera cultural e social que envolve o seu dia a dia, e promove interferência na peculiaridade da estética literária. Consequentemente, o homem diante de tantas informações e sem conseguir chegar a uma resposta plausível, inicia, em função da fragilidade do contexto, rupturas que são reações convenientes para os que buscam uma forma de fuga devido ao desentendimento da exposição interna e externa do mundo transitável. Aproveitando este espaço de rejeições e inovações, a sociedade foi progressivamente modificando-se, ao passo que os

¹ Egressa do Curso de Letras Português/Inglês da UEG--UnU de São Luís de Montes Belos.
Email: debrinhabwg@hotmail.com

² Orientador: Doutorando da UFG. Professor UEG--UnU de São Luís de Montes Belos.
Email: passalesculture@hotmail.com

prestigiosos escritores tiveram que adaptar-se aos moldes desta moderna sociedade que se metamorfoseava a cada instante a procura de uma estabilidade.

Até este momento, a literatura era direcionada a um público alvo, ou seja, a literatura era feita somente para os intelectuais que tinham uma fina sensibilidade para ler e escrever. Esse trabalho era, sobretudo, um objeto estilístico utilizado apenas pelos escritores preponderante que determinava de forma abrupta, como deve ser regido o sistema ideário literário.

Diante de tantas buscas, o homem conquista o movimento modernista. Este aparentemente baseava-se na vida dinâmica voltada para uma literatura interna e inovadora, cuja proposta era de se libertar com toda a desenvoltura e a desmistificação do aprisionamento que a cultura proporcionava. Contrariando os grandes ativistas que acreditavam no movimento, o modelo literário não conseguiu atingir o ápice do efeito moderno. O escritor, crítico e poeta Octavio Paz (1984, p. 18), define de forma explícita, a oposição entre o moderno e o modernismo:

O moderno não é caracterizado unicamente por sua novidade, mas por sua heterogeneidade. Tradição heterogênea ou do heterogêneo, a modernidade está condenada à pluralidade: a antiga tradição era sempre a mesma, a moderna é sempre diferente. A primeira postula a unidade entre o passado e o hoje; a segunda, não satisfeita em ressaltar as diferenças entre ambos, afirma que esse passado não é o único, mas sim plural.

Diante deste argumento, pode-se entender que a ruptura literária não é inserida propriamente no modernismo, por se controverter a forma de designar a prática do moderno, além disso, a distinção é constituída pelo modo que a modernidade estabelece no marco do movimento, pois, em vez de destruir o vínculo, o modernismo engloba o passado com o presente e dá continuidade entre uma geração e outra, propiciando alimento ativo para literatura. Ao proclamar a ruptura, a literatura instaura a sua própria tradição e emprega a ideia de continuidade. Já o moderno nasce propriamente por meio do estranhamento entre passado e futuro. Para mostrar a sustentabilidade do termo, o moderno é *auto-suficiente* como é definido por Paz (1984, p. 18).

A arte moderna difere de qualquer movimento por ser consciente e determinante em suas atitudes e, principalmente, por fazer uso da inovação sem aceitar a pluralidade tão empregada em várias concepções literárias. Dessa forma, o

moderno é colocado como um processo transitório e linear porque está continuamente em busca de novas descobertas e atribuindo valores, próprio de sua tradição através da “ruptura do tempo anterior aos tempos: começo da história. Começa a história da desigualdade.” (PAZ, 1984, p. 56).

Conforme o critério adotado por Paz (1984, p. 21), “A tradição moderna apaga as oposições entre o antigo e o contemporâneo, o distante e o próximo. O ácido que dissolve todas essas oposições é a crítica”. A partir do momento que a crítica está sendo ressaltada, abre espaço para que o homem seja convencido pelas indagações esquematizadas contribuídos pela autorreflexão. É por isso que há divergências, tanto nos aspectos cultural, como social, entre o moderno e o modernismo, já que são discutidos pelas suas posições em diferentes perspectivas teóricas e que ressaltam a busca de novos paradigmas.

Diante disso, abre-se espaço para o pós-modernismo, que é um fenômeno altamente complexo porque é fundamentado na tentativa de uma significação, visto que, em uma tentativa simples de conceituação baseada no senso comum, são destacadas as marcas exageradas que são instauradas e estabelecidas pelo momento em ação ou na forma crítica do moderno.

O pós-modernismo surge em um sistema pulverizado de controversas, sendo impossível fazer um exame claro do que realmente se propõe o movimento, pois o pós-modernismo é nascente de uma origem frustrada que não conseguiu se estabelecer como movimento que beneficiasse a abertura para novas ideias de sua própria estrutura e, sobretudo foi insuficiente na universalização da cultura exposta.

Mediante as consequências apontadas aqui, e sobre os motivos pelos quais o movimento modernismo teve que se retirar; o indivíduo, nesse ínterim, ficou submerso a interpretar a ação do pós-modernismo se é que realmente a pós-modernidade quer ser compreendida pelos curiosos e estagnados indivíduos. Assim, “o pós-modernismo representa em certo sentido o filho edipiano daquela época, desconcertado com a distância entre a bravata do pai e a pobreza de seus atos” (EAGLETON, 1998, p. 67- 68). O escritor, nesse contexto, é considerado como um mediador de analogias, já que o pós-modernismo é formado por meio de uma estrutura desarrochada e sem perspectiva de uma presumível mudança.

Diante disso, parafraseando Linda Hutcheon (1991) o pós-modernismo atinge a humanidade pela tomada de consciência crítica e solicita que o próprio indivíduo repense sobre seus atos de sujeição para adquirir criticidade e

compreender que o paradoxo estabelecido pelo rompimento é uma forma de evidenciar a literatura. Para isso, o pós-modernismo explora todas as dimensões, mas também ataca elementos básicos da tradição humanista, como o sujeito coerente e o referente histórico definido.

Por outro lado Jameson (2006) acredita que, o pós-modernismo é o espelho do modernismo, em se tratando do movimento que está sendo destruído, porque o atual movimento defende a abertura de novas ideias para a contemporaneidade, sendo que o modernismo também tinha esta pretensão. Dessa forma, este romper para criar o novo fica vago em questão de crítica literária, cuja função é destruir algo que não é bem sucedido na cultura e sociedade. Entre erros e acertos, os dois movimentos se assemelham, tal como percebe no fragmento abaixo:

Isso significa que haverá tantas formas de pós-modernismo, quanto havia, no lugar, de alto modernismo, uma vez que elas são, ao menos inicialmente, reações específicas e localizadas contra esses modelos. Tal característica obviamente não facilita em nada a tarefa de descrever o pós-modernismo como algo coerente, já que a unidade desse novo impulso— se existe— é dada, não por se mesma, mas pelo próprio modernismo que ele busca destronar. (JAMESON, 2006, p.18).

Outra característica presente no pós-modernismo que é ressaltado por Jameson (2006) está relacionada com a questão da abertura capitalista, que aproxima a alta cultura com a cultura de massa ou popular, que trás de forma extravagante as mudanças paradigmáticas, isso porque até o momento, a cultura literária estava determinada somente para os elitizados.

Os elitizados, com todo o conhecimento adquirido com os vocábulos, fizeram com que as classes se separassem, ou seja, o desmembramento da classe dominante com a classe dos desfavorecidos, porque a linguagem só era compreendida pelos letrados, notadamente, eram quem determinavam o que era certo ou errado no mundo literário.

Nesse sentido, no pós-modernismo, ocorreram várias mudanças, mas a mais surpreendente foi nas palavras demarcadas com os prefixos “in”, “des” e “anti” apontados por Hutcheon (1990, p.19) para a teórica canadense o pós-modernismo e sua complexidade de negar o compromisso com os ideais literários que, antes era aceito, e agora, teorizado, são entendidos no sentido de,

Ser sobredefinido e o mais subdefinido. Ele costuma ser acompanhado por um grandioso cortejo de retórica negativista; ouvimos falar em descontinuidade, desmembramento, deslocamento, descentralização, indeterminação e antitotalização. (HUTCHEON, 1990, p. 19)

Os prefixos demonstrados evidenciam a natureza da oposição que o fenômeno pós-moderno intitula para não aceitar os compromissos adotados pelas adequações adquiridas pela literatura vigente. Estas mudanças foram provocadas pela revisão crítica que o ser humano evidenciou diante do comportamento cultural e social que estava presenciando para iniciar o processo de desprendimento receptivo propiciado pelo fenômeno das incertezas que, de “forma geral, a nova sensibilidade pós-moderna dirige suas forças para a desconstrução sistemática dos mitos modernistas questionados [...] a identidade cultural do Ocidente, mas também o problema da totalidade e do totalitarismo na epistemologia e na sua teoria políticas modernas” (HOLLANDA, 1992, p. 8).

A ruptura construída pelo pós-modernismo trouxe para a literatura o desapego cultural, ou seja, os poetas deixaram de escrever textos ineditistas para reproduzir textos alheios ou bibliográficos, explorando o espetáculo da vida de si e dos outros, uma espécie de válvula mercadatória. Os livros são compostos por ilustrativa capa personalizada que provoca o fascínio do leitor que, ao adquirir o exemplar, garante mais um acréscimo a estante de livros, que mediante a tantas ocupações, possivelmente nem irá ser lido (BOSI, 2002).

Esta forma superficial de autor e leitor se relacionar denuncia uma estratégia de *marketing* afinada ao consumismo imediatista que a globalização oferece a humanidade, ao mesmo tempo em que expande a literatura a um público maior, oferece livros acessíveis e aparentemente destituídos do labor do passado. Ao imergir na leitura, tal indivíduo, momentaneamente esquece suas mazelas, despercebido que está diante do processo ao qual é submetido.

Porém, não se pode enfatizar que tais reproduções são simplesmente uma representação magistral do autor que está sendo tomado pelo leitor/escritor, visto que é uma arte linguística que retoma e inova a essência literária. Esta rede transitável é uma manifestação ambivalente que desperta a essência petrificada que precisa urgentemente ser discutida de uma nova forma e com outros olhares. “Uma nova linguagem seria, pois, necessária para descartar o pessimismo oriundo de uma linguagem em petrificação. O objeto estranhado e o sujeito estranhado são vistos

sob uma óptica diferente; transformam-se num novo signo” (CARVALHO, 2000, p.105).

Talvez esta forma caótica de autor e leitor se relacionar, seja para sanar a inquietude do déficit cultural ou para atribuir a frustração que o homem adquire no meio do bombardeio que a globalização favorece para a humanidade. Então, a sociedade em geral diante desta situação se depara com um momento ímpar na literatura.

Segundo Bosi (2002, p. 249), este fenômeno em questão é a tendência para uma “literatura-de-apelo, já que se trata de uma concepção de escrita como imediação, documento bruto ou entretenimento passageiro”. Assim, o advento do pós-modernismo muda toda a trajetória da cultura letrada e ocasiona várias incógnitas sobre o destino da escrita e da leitura, e, sobretudo, até que ponto estas modificações podem exercer influência no comportamento literário.

Os estruturalistas pós-modernistas, instigaram a humanidade com sua versatilidade para demonstrar que o capitalismo recente deve ser dissolvido e expandido para o desenvolvimento cultural e social o que provoca os preceitos individualistas e restritos que a literatura havia constituído logo,

Livre da nostalgia, o pós-modernismo insere e depois problematiza, ironicamente, o passado numa reelaboração crítica, porque a nova história literária não é uma tentativa de preservar e transmitir o cânone, mas de manter uma relação problemática com a história e com a própria crítica literária. No pós-moderno, a ficção e a história são considerados discursos contextualizados. São ambas, sistemas de significação pelos quais se dá sentido ao passado (CARVALHO, 2000, p. 81).

Nessa perspectiva, o movimento em estudo é uma cultura estilizada que ressalta uma originalidade complexa por ser acompanhada de retórica descentralizada de ideias em relação à trajetória da literatura. A transposição abordada no pós-modernismo é gerado pela formação social e cultural, cuja influência é exercida pelo próprio homem insatisfeito com o período e com a direção que a literatura. Inicia-se então, com um processo de reavaliação cultural e social, ou seja, um momento da problematização da reflexão crítica, além de reelaborar e instigar a criticidade histórica.

Este deslocamento de ideias abordadas no pós-modernismo, de acordo Hutcheon (1991), “não é um paradigma relâmpago, uma vez que as recriações são partículas necessárias para a elaboração de uma nova manifestação literária e social, por ser repensada, e posteriormente textualizada parodicamente para o presente”. O pós-modernismo problematiza a história já definida e expõe ao público, versões inéditas de análises questionativas no sentido de inquietar o homem e mostrar as incertezas contidas no universo instável.

Esta complexidade criada em torno do pós-modernismo não é subtendido como um novo paradigma, porque não enfatiza a exclusão da humanidade liberal. Para se ter uma ideia, o foco de estudo do pós-modernismo está direcionado nas narrativas e suas peculiaridades que, conseqüentemente, são abordadas em todas as esferas que condiciona a “literatura, na história ou na teoria” (HUTCHEON, 1991, p. 22).

Para o desdobramento destas concepções literárias, deliberada pelos anseios investigativos, se trata propriamente, das fronteiras existentes entre *história* e *ficção* que, agora estão sendo aglutinados e discutidos no pós-modernismo e transformado em “metaficção historiográfica”. Estes operadores literários são significativos para o posicionamento emblemático da articulação literária do pós-modernismo, tendo em vista, que são fronteiras que agora se aproximam. O primeiro, nesse sentido, é o estudo dos acontecimentos e suas verossimilhanças e o segundo sobre a criação contida nos enredos ficcionais, instigadas pela imaginação do homem que é repensada para a sociedade complexa e exigente, mesmo não sabendo o que realmente está enfrentando. Não se discute o que será do futuro, porque o momento é de pensar na atualidade e os seus feitos, já que a “metaficção historiográfica procura desmarginalizar o literário por meio do confronto com o histórico, e o faz tanto em termos temáticos como formais” (HUTCHEON, 1991, p. 145).

A compreensão primária a respeito da metaficção historiográfica é estabelecida com o designo que compromete a literatura, que estão nos distintos vocábulos “arte e vida” com a presença inerente da cultura problemática. Sobretudo, estes termos, tão relevantes para o movimento, sugerem que sejam repensados sobre o que é verdade ou não na literatura pós-modernista.

De acordo com Hutcheon (1991, p. 22), “a metaficção historiográfica incorpora todos esses domínios literários, ou seja, sua autoconsciência teórica sobre

a *história* e a *ficção* como criações humanas [...] para repensar em sua reelaboração das formas e dos conteúdos do passado”.

Hutcheon (1991, p. 142) coloca que o pós-modernismo é culturalmente contraditório. E, portanto, envolvido naquilo que procura contestar. Já a metaficção historiográfica que está ingerida no contexto pós-modernista, “mantém a distinção de sua auto-representação formal e de seu contexto histórico, e ao fazê-lo problematiza a própria possibilidade de conhecimento histórico”, pois ainda não existe uma conciliação, somente a contradição.

O leitor, diante da *metaficção historiográfica*, torna-se peça fundamental para o estudo assimilatório da imaginação e realidade, pois, até então, a literatura era encarada como uma ilusão idealizada pelo homem e que, atualmente, está sendo discutida deferidamente, a partir da junção da “arte e vida”, o que propicia um momento de questionamento sobre até que ponto vão se unir dentro de um intertexto. Nesse ínterim, Linda Hutcheon (1991, p. 146) aponta como característica do impacto relacionado à composição que a “metaficção historiográfica sugere que verdade e falsidade podem não ser mesmo os termos corretos para discutir a ficção” e sim que “existem *verdades* no plural, e jamais uma só Verdade”. O leitor, mediante a esta explanação fica ciente que a abordagem das narrativas serão incorporadas, com fatos reais e imaginários.

Nesse mesmo patamar, Jameson (2006, p. 21) abre um leque para o expressivo movimento, e diz que: “um dos aspectos ou práticas mais significativos do pós-modernismo hoje é o pastiche”. O caráter ambivalente deste advento intitulado por pastiche é o método inovador de intertextualizar e ressaltar os momentos esquecidos pelos leitores ou simplesmente pouco discutidos na literatura. Seu papel é trazer a tona discussões apagadas para serem olhados com feições investigativos e paródicos. Ao aproximar da paródia, está sendo realizada uma homenagem que sublinha textos antecedentes para formar e mostrar a força e o prestígio da tradição canônica que muitas pessoas desconhecem. Deve-se salientar que, o termo parodia aqui ressaltado não é uma resignação pejorativa como é apontado por Hutcheon (1991, p. 47):

Quando falo em “parodia”, não estou referindo à imitação ridicularizadora das teorias e das definições padronizadas que se originam das teorias de humor do século XVII. A importância coletiva da prática paródica sugere uma redefinição da parodia como uma repetição com distancia crítica que permite a indicação irônica da diferença no próprio âmago da semelhança.

A forma que o pós-modernismo ressalta os textos já definidos na literatura é construída a partir da intertextualidade que “é uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distancia entre o passado e o presente do leitor” (HUTCHEON, 1991, p. 157). Os escritores pós-modernistas apropriam de uma leitura atenta sobre os cânones e, posteriormente, iniciam um processo reconstrutor criativo. A mudança é radical e o leitor desavisado se encanta com a inovada leitura que sugere que seja revista a original para serem comparadas com a atual construção intertextual.

Já para Walter Benjamin (1994) um dos renomados membros da escola de Frankfurt, esclarece que a autenticidade está relacionada à existência única, e ela tem que conter o aqui e agora da obra de arte. Logo, uma reprodução, por mais perfeita que seja não pode ser autêntica. O processo de reprodutibilidade técnica destrói a autenticidade da obra de arte, ou seja, ela não é de forma alguma um processo de valorização da obra estudada. O processo de reprodutibilidade técnica destrói a autenticidade da obra de arte. Walter Benjamim (1994) argumenta, que esta estética de reprodução que vários literários designam como um formato constituído pelo período vigente é totalmente equivocado, por acreditar que o mundo é feito de reprodução, sendo literário ou não. Assim é descrito pelo autor,

Em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível. O que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens. Essa imitação era praticada por discípulos, em seus exercícios, pelos mestres, para a difusão das obras, e finalmente por terceiros, meramente interessados no lucro. Em contraste, a reprodução técnica da obra de arte representa um processo novo, que se vem desenvolvendo na história intermitentemente, através de saltos separados por longos intervalos, mas como intensidade crescente (BENJAMIN, 1994, p. 166).

Pode-se observar que nem os teóricos conseguiram chegar a um consenso, porque o movimento não trás descrito a proposta e nem o idealismo aparentemente do pós-modernismo, o que indica aqui, são várias conceituações temporais ou não, porque o que está nítido é que o intuito é negar as artimanhas que os movimentos anteriores deixaram e dar consentimento para que cada um, faça as suas escolhas que seja coerente para si.

A importância de reproduzir as obras é, sobretudo, dar outra significação mediante aos pensamentos atuais e absorvendo todo o contexto da obra original. Com isso, o leitor se torna participativo e questionador e adquire a criticidade nas leituras. Como é justificado no fragmento abaixo,

Metáfora ideal para bem precisar a situação e o papel do escritor latino-americano, vivendo entre a assimilação do modelo original, isto é, entre o amor e o respeito pelo já - escrito, e a necessidade de produzir um novo texto que afronte o primeiro e muitas vezes o negue [...] A obra invisível é o paradoxo do segundo texto que desaparece completamente, dando lugar à sua significação mais exterior, a situação cultural, social e política em que se situa o segundo autor (SANTIAGO, 2000, p.23-24).

Este fenômeno literário pós-moderno é o fantástico inovador que mesmo negando ou absorvendo ele consegue desequilibrar e envolver a humanidade. No Brasil, como em geral em toda a América Latina, a idéia de uma cultural pós-moderna foi uma expressão do capitalismo tardio, acrescentada de um forte sentimento de inadequação, no sentido de ser uma importação indevida. Além disso, é experimentada, na maior parte das vezes, como uma tendência política e moralmente problemática.

Em suma o pós-modernismo é um movimento diferenciado que aborda e edifica as várias propriedades do mundo. A forma negativista juntamente com as rupturas foram os meios que o movimento encontrou para criar um ambiente único e eliminar qualquer posição frustrada criada pelo movimento modernista. Então, pode-se entender que as mudanças não foram somente na questão da estética literária porque a arte se aglutinou com a vida, formando uma só extensão. Mediante a essa união, a arte literária uniram-se vida, os textos literários transformaram em metaficção historiográfica, pois a realidade e imaginação foram aglutinadas na estética literatura.

Os escritores tiveram que se adequar com a nova arte de escrever. Mudaram o objetivo que, antes era um *hobby*, agora, a visão é traçada pelo capitalismo, contribuído pela globalização. Para fascinar os leitores que comprem o produto sem ao menos saber se vai lê-lo, pois estão envolvidos no mundo da competição das aparências atribuído pelo fascínio das novidades.

Os escritores clássicos continuam em ascensão. Então, reforça a ideia de que as mudanças foram mais na forma de conduzir e criar a literatura para a

sociedade e, sobretudo, a de comercializar porque os clássicos não foram diminuídos pelas transformações literárias, apenas estão sendo compartilhados nas livrarias e bibliotecas.

A intertextualidade foi um método inovador de valorizar e trazer à tona textos esquecidos pelos leitores para serem revistos por outros olhares, criando uma atitude reflexiva e questionativa. Para que isso ocorra, os escritores fazem uma releitura e recriam para a atualidade uma nova linguagem literária, possibilitando ao leitor a interação com o passado e o presente. Diante disso, o pós-modernismo problematiza o percurso literário e divulga ao público versões inéditas intertextuais, que tem por objetivo, inquietar o homem e mostrar as incertezas contidas no mundo cultural e social. Assim a leitura contemporânea é semelhante à vida real, cada leitor poderá se identificar e criar suas interpretações dentro das narrativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. OS estudos literários na era dos extremos. In:_____. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Cia das letras, 2002, p. 248 – 256.

CARVALHO, Maria Luiza Ferreira Laboissière. **Tradição e modernidade na prosa de Miguel Jorge**. Goiânia: Ed. UFG, 2000.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução de Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

HOLLANDA, Heloísa de Buarque (Org.) **Pós-modernismo e política**. 2. edição. Rio de Janeiro. Rocco. 1992.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria e ficção. Tradução Ricardo cruz. Rio de janeiro: Imago Ed. 1991.

JAMESON, Fredric. **A virada cultural reflexão sobre o pós-modernismo**. Ed. São Paulo Civilização brasileira, 2006.

PAZ, Octavio, A tradição da ruptura; A revolta do futuro. In: **Os filhos do barro**: do romantismo à vanguarda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.11- 58.

PERRONE-MOISES, Leyla. Modernidade em ruínas. In:_____. **Altas literaturas**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p 174- 216.